

Retornar sobre "O retorno", de Paloma Vidal
Oficina de escrita literária

ESCREVA COMO UMA MULHER

ALÍCIA TEODORO ANA MARIA CASTELO BRANCO
CARLA FREITAS CRISTIANE COSTA CRISTIANE LUZ
DEBORAH MUSSULINI DILZA PORTO GONÇALVES
JUNIA PAIXÃO LEILA RACHEL BARBOSA ALEXANDRE
MARLEI DIEDRICH SABRINA DALBELO THAÍS LIMA
ANA ELISA RIBEIRO (ORG.) RENATA MOREIRA (PREFÁCIO)



ESCREVA COMO UMA MULHER

Retornar sobre “O retorno”, de Paloma Vidal
anotações de uma oficina de criação literária

Ana Elisa Ribeiro (Org.)

Alicia Teodoro
Ana Maria Castelo Branco
Carla Freitas
Cristiane Costa
Cristiane Luz
Deborah Mussulini
Dilza Porto Gonçalves
Junia Paixão
Leila Rachel Barbosa Alexandre
Marlei Diedrich
Sabrina Dalbelo
Thaís Lima



CEFET-MG, 1ª edição

Belo Horizonte, 2020

ISBN 978-65-87888-03-3

Sumário

Que livro é este, uma apresentação Ana Elisa Ribeiro	4
Escrever mulheres – retornando sobre o tema Renata Moreira	7
O retorno Paloma Vidal	10
Entre dois mundos Carla Freitas	14
Resolução Marlei Maria Diedrich	18
Ao pai envenenado Cristiane Costa	20
Do teu pai Cristiane Luz	22
Difícil regresso Ana Maria Castelo Branco	25
Em nome do pai Deborah Mussolini	29
Respostas Junia Paixão	33
Ainda Leila Rachel Barbosa Alexandre	39
Memórias... Dilza Porto Gonçalves	41
O adeus Alícia Teodoro	45
Último encontro Sabrina Dalbelo	47
O balanço Thaís Lima	50

Uma apresentação

Em agosto de 2020, o grupo de estudos **Mulheres na Edição**, sediado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, completou um ano de atividades ininterruptas. Havia muito o que comemorar. Não apenas o fato de termos conseguido ler, estudar e discutir textos selecionados por um ano, a despeito do caos que nos cercava (micro e macrossocialmente), mas também a adesão de uma centena de pessoas aos nossos encontros (que passaram a ser virtuais, por conta da pandemia), a produção de vários trabalhos de divulgação científica no âmbito do grupo, etc.

Eu e as outras duas coordenadoras do grupo, as professoras Maria do Rosário Alves Pereira e Paula Renata Melo Moreira, decidimos então que agosto seria um mês inteiro de aniversário. Oferecemos três oficinas (de criação, de pesquisa e de crítica) e convidamos as pessoas interessadas no grupo a apresentarem comunicações. No dia 24 de agosto, produzimos então o **Colóquio Mulheres na Edição – ano 1**, que está inteiro no YouTube¹, com as apresentações gravadas e com o registro da live que oferecemos, mediando três convidadas muito especiais: a professora Eurídice Figueiredo (UFF) e as editoras Bianca Garcia e Cecília Castro.

Escreva com(o) uma mulher foi a oficina que ofereci, nos dias 12 e 14 de agosto de 2020, pela plataforma virtual institucional da RNP, depois de um processo difícil de seleção das mais de 60 pessoas que se candidataram por meio de inscrições divulgadas nas redes sociais. Eu havia oferecido 12 vagas, mas

¹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/channel/UCri824qeBfiyWchRXT-ZthA/videos>

aprovei 15 pessoas, das quais 14 participaram. A ideia era escrever com e como uma mulher, numa provocação que diz muito sobre os debates contemporâneos sobre mulheres na literatura e na edição. Escrever comigo, uma professora e escritora na arena; escrever com base no texto de uma escritora, Paloma Vidal, que poucas participantes conheciam; escrever com coragem, guiadas pelo desejo de escrever e, quem sabe, publicar. Foi oportunidade de abordar a literatura, a criação literária de autoria feminina, apresentar uma autora, um conto, um livro e provocar a escrita. A proposta foi (1) ler o conto "O retorno", da escritora Paloma Vidal, (2) discutir aspectos desse conto em aula síncrona, (3) escrever um conto inspirado no conto lido, selecionando entre duas opções de desenvolvimento: continuar a narrativa (que termina em suspense) ou recontá-lo alterando o foco narrativo para o pai da personagem principal (já morto). Das 14 pessoas participantes, 12 enviaram seus contos, que aqui estão e podem ser lidos, relidos e pensados à luz da proposta de nossa oficina.

As escritoras aqui presentes são de várias partes do Brasil, diversas em muitos aspectos e suas notas biográficas podem dar conta disso, ao menos parcialmente. Além dos contos propriamente, solicitei que cada uma enviasse sua bio resumidíssima e um parágrafo sobre a estratégia usada na produção do conto. E temos uma bela amostra do que podemos fazer, quando inspiradas pela literatura de outra mulher.

Paloma Vidal é uma escritora argentino-brasileira, professora universitária, conhecida por sua prosa e autora de diversos livros, por algumas editoras. Empreguei, nesta e em outras oficinas, um conto do livro *Mais ao sul*, publicado pela editora Língua Geral, em 2008. Uma pesquisa rápida no Google levará a uma fortuna crítica interessante sobre Paloma e este livro.

Ao final de nossa oficina **Escreva com(o) uma mulher**, meio de improviso e entusiasmadas com o resultado da atividade, tivemos (eu e todas as escritoras) a ideia de produzir este livro, na verdade um documento desta experiência. Por e-mail, mesmo sem conhecê-la pessoalmente, pedi autorização a Paloma Vidal para reproduzir o conto “O retorno” aqui, o que ela prontamente permitiu. Agradeço, portanto, todas as mulheres envolvidas neste evento, isto é, o Mulheres na Edição, a oficina e o livro: minhas colegas-parceiras Rosário e Renata; as bolsistas de extensão Alícia e Angela, que atuaram também em outras frentes aqui; e as escritoras participantes.

Ana Elisa Ribeiro é professora titular e pesquisadora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição) e no ensino médio. Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG. Escritora, autora de diversos livros, entre eles *Álbum* (Relicário Edições, 2018) e *Dicionário de Imprecisões* (Impressões de Minas, 2019). Sobre escrita, é autora de *Escrever*, hoje (Parábola Editorial, 2018) e *Livro – edição e tecnologias no século XXI* (Moinhos/ContaFios, 2018). Coordena com colegas o grupo de estudos *Mulheres na Edição*, além do projeto de extensão *Aula Aberta*.

ESCREVER MULHERES – retornando sobre o tema

Renata Moreira

Escrever *com(o)* uma mulher. O que esse título, um tanto provocativo, parece nos querer dizer?

A primeira compreensão se dá quase de imediato: escrever junto a alguém que, no mundo, coloca-se e se reconhece como mulher. Mais do que o problema de o que é se colocar no mundo como mulher – ele mesmo uma discussão que se quer autoevidente mas é eivada de dissensos –, há a questão de escrever junto, colocar as escrituras para acontecerem de modo concomitante, como um movimento textual a muitas mãos.

O motivo dessa dança literária que aqui se apresenta encontra-se no conto “O retorno”, de Paloma Vidal, escritora argentina radicada no Brasil. Em um caloroso agosto belo-horizontino, um grupo de mulheres, vindas de distintos lugares, reúne-se virtualmente para ler e traçar, a partir de certas provocações e direcionamentos, estratégias para conceber um caminho de escrita autoral, tendo como norte o conto “O retorno”. Valendo-se de técnicas diversas, como partir da voz de outros narradores, conceber finais insuspeitos ou utilizar passagens aparentemente desimportantes para subvertê-las como ponto central das novas narrativas, as mulheres que compuseram esse grupo aventuraram-se por uma escrita que, ainda que amalgamada a uma origem, pode ser lida de modo dissociado, permitindo vários percursos de sentidos para os textos.

Um olhar, entretanto, uniu-os em livro, propondo ao leitor um itinerário de leitura, cuja unidade faz ver o conjunto como proposta e resposta. É esse conjunto que se oferece agora à leitura, na forma de uma escrita de mulheres.

Outra camada de sentido se sobrepõe, portanto, à primeira maneira de entender o título da oficina que redundou em livro: escrever *como* uma mulher. Utilizar a escrita do modo que uma mulher o faria. Talvez aqui a palavra utilizar seja possível, mas não completamente bem-vinda. Provocar a escrita como uma mulher o faria; desmontar a escrita concomitantemente como brinquito e missão, tal como uma mulher o faria. Mas existe isso de escrever como uma mulher?

Há tempos, certa compreensão da literatura gostaria de evitar adjetivá-la. Não teríamos, assim, uma escrita de mulheres, mas apenas escrita. Tal modo de olhar para o objeto literário quer entendê-lo como uma produção sem origem ou ancorada naquele dito universal que, por sinal, costuma ser na maioria das vezes homem, branco, heterossexual, de meia idade, classe média – ou emular essas características. Não cabe nenhuma condenação à literatura produzida nessas condições. Apenas é preciso continuamente dar a ver que ela é, também, fruto de um recorte, de uma marca que se quer sem marcas, de um universal estritamente particular, que enuncia a partir de um lugar social tão demarcado quanto aqueles que são adjetivados e ditos específicos.

Escrever como uma mulher, então, é efetivar para o mundo certo olhar e deslindá-lo na escrita. Quando alguém escreve, este alguém o faz marcado pelas injunções todas que o compõem, seja seu gênero, seu pertencimento racial, sua situação social, seu tempo e espaço. É impossível uma escrita que não seja atravessada por essas marcas.

Em um mundo em que a literatura estivesse descolada das práticas sociais, talvez não fosse preciso gestar para as produções qualquer adjetivo. No nosso, em que os objetos culturais são transpassados por disputas diversas para referendar no literário os jogos de poder externos a ele, a

adjetivação – às vezes a contrapelo de seu uso inicialmente pejorativo – pode ser também política.

Tem sido essa uma das preocupações do grupo Mulheres na Edição, no qual nasceu a ideia da oficina *Escreva com(o) uma mulher*: demonstrar que as práticas de obscurecimento das mulheres estão incrustadas em discursos de pretensas universalizações; descobrir mulheres que produziram e produzem; colocá-las na ordem do dia, evidenciá-las, lê-las, resenhá-las, produzir com elas e como elas.

Renata Moreira é professora e pesquisadora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição) e no ensino médio. Doutora em Estudos Literários pela UFMG. Compõe os grupos de pesquisa GIECE (Grupo Interdisciplinar de Estudos do Campo Editorial); Mulheres na Edição, ambos do CEFET-MG, e Cultura Escrita, da FAE/UFMG. Atualmente, pesquisa Escritoras negras na Literatura Juvenil.

Uma parte do aeroporto tinha sido reformada. Ao atravessar as portas de vidro automáticas, reconheceu, à sua esquerda, o velho terminal por onde partira numa viagem anterior. Não era a primeira vez que voltava a essa cidade, e provavelmente não seria a última, mas essa viagem era diferente de qualquer outra. Com a brisa da rua, veio o cheiro familiar que tantas vezes, estando em outros lugares, lhe trouxera a lembrança de sua cidade natal. Sentiu-se em casa. Por um instante, sentiu-se feliz. Mas imediatamente o que tinha pela frente, o motivo de sua viagem, lhe devolveu a amargura, e sentiu a lágrimas enchendo seus olhos. Essa seria, muito provavelmente, a última visita ao bairro de sua infância; pela última vez, entraria na casa onde morara até os 22 anos e encontraria pessoas que haviam sido muito próximas numa outra época de sua vida; pela última vez, veria seu pai. Sua garganta se fechou, escondeu o rosto entre as mãos e permaneceu assim, imóvel, até que uma pessoa se aproximou. Obrigada, muito obrigada, quis dizer ao desconhecido que encostou a mão no seu ombro, mas se limitou a sorrir em silêncio e acenar para o ponto de táxi, querendo indicar que estava tudo bem, mesmo sabendo que não era verdade e que seu corpo gelava só de imaginar o percurso que ainda lhe restava, mais uma viagem, mais uma espera. Estava exausta. Por que devo fazer isso sozinha?, perguntou em voz alta, sentindo-se uma criança, desprotegida, desamparada, revoltada contra alguém que deveria estar ali, a seu lado, nessa hora. Justamente ele, seu pai, quem ela vinha despedir. Lembrou-se da

primeira vez que voltou e sorriu de novo: as portas do terminal se abriram e uma onda de felicidade veio em sua direção. As portas se abriram e durante as horas seguintes preocupou-se apenas em respirar. Respirar a companhia dele, o cheiro da rua e seu movimento, o tempo que tinha passado, o outono chegando. Viajaram em silêncio até sua antiga casa. O táxi demorava uma hora para percorrer o trajeto. Apoiou a cabeça na janela e fechou os olhos. Lembranças de infância retornavam insistentemente. Em outros momentos de sua vida, ela as havia cultivado com muita ternura, como um resto de alegria no meio das adversidades, mas agora não conseguia suportar nada que viesse do passado. Um quintal, um balanço, mãos grandes e suaves empurrando suas costas, um sorriso quase a seu alcance. Preciso objetivar as coisas, disse a si mesma. Uma porta entreaberta, uma brecha de luz, uma cama, um rosto sob o abajur, uma voz chamando seu nome no diminutivo. O motorista fez alguns comentários sobre o clima e, diante do seu silêncio, ligou o rádio. Não pôde deixar de ouvir a notícia de uma moça que na noite anterior havia sido violentada nos arredores da capital. As acusações, os acusados, o local do crime, o estado do corpo. O estado do corpo: encontrado à beira do rio, nu da cintura para baixo, o rosto inchado, marcas arroxeadas nos braços e nas pernas, um corte na vagina. Sentiu um calafrio e apertou uma coxa contra a outra. Estava sozinha em casa naquela tarde. A campainha tocou. Foi levada só com a roupa do corpo. Esperou em vão, nos dias seguintes, que alguém telefonasse para explicar que tudo não passava de um engano. Tinha medo de enlouquecer de tanta angústia. Papai, me tira daqui, me tira daqui, paizinho. Definhava e contava. Contava

carneirinhos, contava o eco de gotas pingando, contava os passos dos policiais. O estado do seu corpo, convalescente e irreconhecível para si mesma, mantinha-a ocupada à procura de uma posição que lhe permitisse dormir. Embaralhavam-se, entre o sono e a vigília, imagens de lugares perdidos no tempo. Um balanço, um quintal, uma voz chamando seu nome no diminutivo. Abandonava-se nesses devaneios semiconscientes e, de olhos fechados, deixava-se estar, esperando morrer. Ainda não foi dessa vez, foi o que conseguiu dizer a seu pai quando o viu do lado de fora da delegacia, tentando sorrir. Seguiram-se dias de mudez e solidão, incapaz de falar sobre aquilo. Não queria que ninguém sentisse pena. Ou temia que não sentissem nada? Tinha medo do silêncio que se seguiria ao seu relato monocórdio, todos à espera de um desfecho que viria sem emoção, sem a dramaticidade necessária. Passados alguns meses sem mal conseguir sair de casa, decidiu que o melhor era partir, fazer uma viagem, deixar tudo por algum tempo. Um tempo que se estendeu indefinidamente, até torná-la quase uma estrangeira. Voltou pela primeira vez oito anos depois. A cada viagem, sentia-se mais distante, e o intervalo entre a partida e o retorno se alongava. Voltava agora, mais uma vez, para enterrar seu pai. Preciso objetivar as coisas, repetiu para si mesma. O táxi estava quase chegando. Algumas esquinas conhecidas, outras que a surpreendiam com lojas novas e antigos estabelecimentos fechados, o bairro como sempre sem muito movimento, idosos sentados em cadeiras na calçada, vendo a tarde passar, com seu chimarrão, a vida transcorrendo vagarosa, entre uma conversa e outra. O que seria daquele bairro? O que seria dele quando

outros, como seu pai, também morressem? O dia estava esplendido, iluminado, o que tornava muito mais nítidos os contornos das casas, das árvores, dos carros. Abriu um pouco mais a janela do táxi e respirou profundamente aquele ar. Não estava sendo nada objetiva, afinal de contas, novamente com lágrimas nos olhos, novamente com medo, como uma criança, do que enfrentaria sozinha. Ajudou o taxista a achar a rua da casa. Pensei que não fosse daqui, o homem comentou, enquanto descia sua mala do carro. Arrastando-a, ela se dirigiu até o portão de ferro e tocou o 1.º no interfone. Reconheceu a sombra oscilante de sua tia, caminhando lentamente em sua direção. A porta se abriu e, a sua frente, o corredor na penumbra. Deu um passo adiante erguendo a mala e equilibrou-se na soleira da porta, num limiar entre dois mundos.

Paloma Vidal nasceu em Buenos Aires, em 1975, mas mora no Brasil desde os dois anos de idade. É escritora, dedicando-se ao romance, ao conto, ao teatro e à poesia. Atua também na crítica literária. É professora da Universidade Federal de São Paulo desde 2009. O livro que inspirou esta oficina foi *Mais ao sul*, publicado pela editora Língua Geral, em 2008.

ENTRE DOIS MUNDOS

Carla Freitas

Cansado. Esgotado. Exausto. Extenuado. Persisto em res.PI.RAR. Dizem que nestas situações é bom recordar os bons momentos. Do melhor sorriso. Do melhor abraço. Da melhor convivência. Assim o fiz.

Após o melhor café, o melhor pão, o melhor mel e frutas docinhas, os passeios de sábado pelo aeroporto me tranquilizavam. Porque a imponência dos aviões, ao levantar voo e planarem no ar, convidava sempre a imaginar o que era o Mundo de quem embarca e segue. Uns retornam. Outros nunca voltam. Alguns vão e voltam entre dois Mundos.

O olhar fascinante da minha filha me fazia feliz; fez-me res.PI.RAR. Só de vê-la desejosa de embarcar, sinto-me feliz. Num desses sábados iluminados pela existência dela, retornou o primo. Homem alto, de mãos grandes e suaves, como as minhas.

Embora eu desejasse tanto, minha filha não me presenteara com um sorriso. Mas o presenteara. Tan.to desejava aquele sorriso. Tan.to! O que é um sorriso? Quanto custa partilhar comigo um sorriso? Por que para o primo e não para mim?

No aeroporto, nos passeios de folga, tão desejados devido à presença dela, eu sempre tive receio de partir. Ela, no entanto, escolheu ir amargamente. Sem olhar para trás. Fiquei com a persistente esperança de retorno. Vivi num só Mundo. Ela, em todos os Mundos que a vida pode lhe proporcionar, sem o luxo da felicidade da rua e do bairro movimentados, de ver os idosos sentados em cadeiras na calçada, tomando chimarrão, proseando. Viver a vida transcorrendo va.ga.ro.sa.men.te... Isto me fez res.PI.RAR.

No retorno para casa, a brisa fria entrelaça-me pela rua, cada passo dado, seguro em sua mãozinha tão fina e tão fácil de

machucar. Eu a protegi. Eu não a deixei sozinha. Eu garanti a sua segurança, mesmo com minhas mãos grandes.

O cheiro familiar do quintal, o som da alegria a cada balanço, o alçar voo do vestido floral, que Ela usava com a sandalhinha de enfiar o pé, emanavam ternura, paz e serenidade. Era, na verdade, um afago acolhedor. Brincar de balanço era um abraço firme. Era proteção. Era amparo. Era a melhor convivência que minha filha me oferecia na infância... na adolescência...

Estávamos em casa. Pai. Filha. Tia. Primo. Já moça, percebo que o café do sábado e o balanço no quintal não tinham significado. Nem o caminhar de mãos dadas para ir ao aeroporto.

Fiquei sozinho. Ou a deixei sozinha demais.

Quantas lágrimas amargas...

Perdi o sorriso que nunca tive.

Perdi o abraço que nunca recebi.

Perdi a melhor convivência.

Corri para casa. Quanta amargura. A porta entreaberta, uma brecha de luz, uma cama desarrumada. O rosto dela caído, catatônico sob a luz do abajur.

Alguém chamou o nome dela no diminutivo. Alguém de mãos grandes e suaves como as minhas. E se tivesse chegado a tempo. Por que, naquele dia, tive de deixá-la sozinha? Tão moça, tão frágil, tão violada, apertava uma coxa contra a outra.

Falou:

- Papai, me tira daqui. Me tira daqui, paizinho.

Lembrei novamente do movimento da casa no sábado cedinho. Do café à mesa. Do pão quentinho. Do mel. Da variedade de frutas, a Tia sempre fazia questão de caprichar. Tudo tão doce, tão quase perfeito. Cheiro de café é bom. Adoça sempre o coração e aquieta as amarguras da vida.

Daquele doce sorriso e dos olhinhos tão vivos, logo pela manhã, emanavam esperança e tranquilidade para mim. Tão

bom de sentir. Eu amava apreciar as duas trancinhas entrelaçadas em fitas vermelhas que a Tia fazia, combinando com o vestido floral de infância que usava com a sandalhinha de enfiar o pé. Ela me faz feliz. Sinto a felicidade gelando no meu coração. Um quintal, um balanço, mãos grandes e suaves empurrando suas costas, um sorriso quase ao meu alcance.

Mudez. Solidão. Medo. Reclusão.

Eu fiquei. Ela partiu. Esperancei o retorno definitivo que não vivi.

Ela seguiu. Sofreu. Resta a dúvida: esqueceu?

Por que neste momento preciso pensar nisto? As minhas lembranças de Pai, na infância de minha filha, retornam insistentemente. Dizem que nessas situações é bom recordar os bons momentos. No velho terminal do aeroporto, onde a deixei numa de suas últimas viagens de retorno e chegada entre dois Mundos, ainda tenho o abraço aconchegante que deveria ter acontecido. No entanto, ela escolheu seguir sem olhar para trás.

Entre dois Mundos, percebo que hoje o dia está esplêndido. Iluminado. Persisto em res.PI.RAR profundamente o ar de emoções, de alegrias, mas também de tristeza e amargura pelo nome no diminutivo, pelas mãos grandes e suaves e pela amarga partida. Com lágrimas nos olhos, imaginei o último observar do avião planando no ar. A chegada no aeroporto. O táxi. O portão de casa. Ela de vestido floral e trancinhas com fitas vermelhas. Uma mala. No entanto, no corredor à frente, o meu corpo sem vida não recebe o sorriso nem o abraço que tanto desejei neste Mundo.

Segui. No último suspiro.

Carla Freitas é mestranda em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em Gestão Escolar (UVA, 2018) e em Ensino de Língua Portuguesa (UECE, 2004). É graduada em Letras - Português/Francês. Atua no Serviço Público como Professora Coordenadora, SEDUC CE. Também é autora de Livros Didáticos pela SL Editora e pela ILLUS Editora. Atua na Formação de Professores e na Consultoria em Edição e Linguagem.

Para escrever

Durante a semana, reli várias vezes para ter a certeza de que era o que desejava comunicar. Inseri poucas palavras no texto, apenas para dar clareza à figura da filha. Metodologicamente, após a leitura na oficina, pesquisei sobre a Paloma Vidal, reli o conto O retorno, com grifos das sequências relevantes, principalmente as que detinham o meu olhar com figuratividade e metáforas. Dispus-me à escrita do proposto a partir do ponto de vista do pai morto.

RESOLUÇÃO

Marlei Maria Diedrich

Retornar para o lugar de onde precisou fugir para sentir-se segura, mais forte, é sempre difícil. Um trauma nunca revelado, nunca discutido, nunca compreendido. Tudo velado. Durante uma hora, enquanto percorre de táxi o trajeto do aeroporto até a casa de sua família, essas memórias tomam conta dos seus pensamentos. Ao mesmo tempo, lembranças carinhosas de seu pai. Desde seu nascimento, trágico de certa forma, ele assume também o papel materno. Dedicção. Carinho. Brincadeiras. Aventuras. Ensinaamentos. Conselhos. Omissão? Agora ela vai encontrá-lo pela última vez. É a despedida final e silenciosa.

Ao descer do táxi, toca a campainha e logo avista sua tia. Mulher de personalidade forte, irmã de seu pai, casada com um homem rude, de poucas palavras, moralista, preconceituoso, comandante da corporação policial da cidade, na qual ingressou muito jovem. Nem sempre ela consegue impor-se contra os costumes e as atitudes machistas recorrentes na sociedade local. Nem mesmo na sua própria casa. Entretanto, inegável a importância dessa tia na sua vida. Aceita seu abraço e passa pela porta, seguindo pelo corredor, a meia luz.

Ao fundo, a sala está ocupada pelos familiares. Não os vê há muito tempo. Nunca teve muito interesse por eles; menos ainda neste momento. A tia tenta conduzi-la ao grupo. Ignora. Fita seu pai, no centro da sala. Somos apenas nós – diz em voz baixa, com um sorriso de cumplicidade. Sente reciprocidade. Parecem estar sintonizados, à vontade, sozinhos. E ela se senta ao lado do caixão, disposta a ouvi-lo, sem interrupções.

Temos pouco tempo. E o ouve dizer: consigo sentir todas as memórias agradáveis que você guardou, filhinha! Podemos dispensá-las nessa conversa. Temos realmente pouco

tempo. Percebo suas aflições. O trauma. A dor sentida naqueles dias de clausura. O sentimento de abandono. A violência sofrida...

Nesse instante, impossível evitar o passado. Ela ensurdece. Suas mãos suam frio. Seu corpo treme. Ela olha para o grupo em volta. Lá está ele: frio, agressivo, postura autoritária... Precisa ser desmascarado diante da família. Todos sabem e silenciam? Ou realmente ignoram sua participação? Não importa. É chegada o momento de libertar-se desse mistério. Do trauma, se possível. Amenizá-lo, talvez.

Anda em direção ao tio, cúmplice de toda a barbárie que sofreu no passado. Enquanto eleva a voz, chamando a atenção de todos para o que vai revelar, consegue ainda ouvir seu pai: não foi omissão, filhinha! Desnecessário. Ela sabe que não foi.

Ambos estão prontos para um novo mundo. Em paz.

Marlei Diedrich é gaúcha, mestra em Letras, especialista em Língua Portuguesa e em Educação a Distância, graduada em Letras. Dedicou-se, por 33 anos, à docência, desde as primeiras séries (alfabetização) até o ensino superior e a pós-graduação lato sensu. Atualmente, atua na produção editorial, principalmente na preparação e revisão de textos.

Para escrever

Como estratégia, utilizei algumas situações do conto original, como o trajeto de táxi, a recepção da tia e a entrada pelo corredor. A partir daí, criei apenas uma cena para a sala, com o velório. Resolvi manter mistério sobre o que ocorreu no passado, revelando apenas que teve participação do tio. A ideia foi mostrar que o pai era "inocente" e que ela não tinha dúvidas sobre isso.

Uma parte da casa tinha sido toda reformada. Mas ela não se perdeu. À sua esquerda, mais ao sul, ficava a cozinha. Foi guiada como sonâmbula pelo cheiro de empanadas saindo do forno. E, qual madeleines, lembrou do aroma do pão francês das padarias brasileiras, aquelas baguetes pequenas e rechonchudas que, por sinal, nunca encontrou na França, para onde fugiu antes de se decidir por um país mais perto, mas longe o bastante, de seus pais. Teria sido um erro? País e pais, por que estas palavras eram tão próximas, separadas apenas por um acento em português, se em espanhol, sua língua materna, eram tão diferentes?

Por um instante sentiu-se feliz. Mas lembrou-se do que tinha pela frente, o motivo dessa viagem tão evitada. Imaginou que logo seria obrigada a encontrar pessoas que haviam sido muito próximas em outra época (ou seria outra vida?) e sua boca se encheu de amargura. Recusou as malditas empanadas, as falsas madeleines, o pão aziago, tudo o que lhe ofereceram, com a desculpa de ter comido no avião. Não provaria do veneno da tia, que nunca lhe perdoou o abandono do pai doente numa casa vazia de filhos e netos.

Não, obrigada. Gracias.

Em respeito ao momento solene, não destilaria sua mágoa nem gritaria suas palavras encharcadas de raiva, a lava vermelha e quente que borbulhava dentro dela desde que deixou aquele fim de mundo, em busca de um norte. Estava cansada de lutar por justiça e não ser ouvida. De apontar palavras armadas contra os escudos do conservadorismo. De ter suas garras arrancadas por aqueles que passavam a mão sobre sua cabeça e a chamavam no diminutivo, enquanto a atacavam pelas costas.

Sua garganta se fechou, escondeu o rosto entre as mãos e permaneceu imóvel.

Por fim, disse que estava exausta e só no dia seguinte iria ao cemitério cumprir a formalidade de encarar o pai pela última vez, observar objetivamente o estado de seu corpo, os olhos fechados exalando sua mudez e solidão. Há muito tempo já viviam em mundos diferentes.

Durante as horas seguintes, preocupou-se apenas em respirar. É preciso objetivar, disse a si mesma, mirando a porta entreaberta para o quarto que tão bem conhecia, a cama, o abajur, o rádio empoeirado, sonhando com alguns minutos de descanso.

Deu um passo adiante na penumbra, sem se dar conta de que havia mais alguém ali.

Cristiane Costa é jornalista, escritora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora de *Sujeito Oculto* (Bolsa Petrobras de Produção Literária) e *Pena de Aluguel: Escritores Jornalistas no Brasil* (Bolsa Vitae de Literatura).

Para escrever

*Durante um ano, dei oficinas de literatura não-criativa nos Sescs do Brasil inteiro. Por isso, não resisti à tentação de roubar as palavras da autora para, com elas, escrever a continuação do conto "O retorno". O método é parecido com o que eu já havia feito em meu romance *Sujeito Oculto*: cortar e colar palavras e frases dos textos originais, em busca de uma nova história. Se, nas minhas oficinas, uso tesoura e cola, no meio digital é possível contar com o control C+control V. A diferença é que, nas oficinas e em meu romance, remixava materiais de diferentes autores, sem preocupação com fidelidade às histórias originais. Aqui, tentei dar uma continuação ao conto de Paloma Vidal, exatamente de onde parou, num jogo de espelhamento, mimetizando seu estilo.*

DO TEU PAI

Cristiane Luz

14 de agosto de 2020

Hoje retomo meu maior fracasso, a paternidade.
Não sei nem mesmo se eu posso ser considerado um pai.

És da minha matéria, eu te embalei no berço e no balanço, te matriculei na escola e te alimentei, mas nada disso foi suficiente. Faltou a essência, faltou alma, embora eu acredite que não tenha faltado o amor.

Fui um pai solo, sem jeito. Contava apenas com a ajuda deles: de meu pai e de meus irmãos.

Nada disso justifica, filhotinha, eu sei. Mas quero que saibas o que tenho guardado.

Tu não me perdoas pelo que te aconteceu e todos os dias eu me culpo pela minha omissão.

Era difícil acreditar, sabes da importância dele na minha vida.

Me perdoa, princesinha!

Me perdoa, preciso descansar em paz.

Não cuidei direito da minha princesinha, eu sinto muito.

Não cuidei e essa culpa me atravessa.

A minha bonequinha se foi. Eu te perdi.

Éramos nós dois. Mas se eu tivesse aceitado te deixar sob os cuidados da mana, talvez tudo pudesse ter sido diferente.

Ah! sabes que ele também era importante para ela, mas tua tia acreditou em ti quando soube. Preciso que saibas disso.

Me perdoa, por favor.

Das manhãs frias, aquecidas com chimarrão, às tardes e às noites, regadas a pinga, amargavas minha ausência, estando eu em casa ou não.

Não estava pronto, sabes que tua mãe te deixou comigo e foi guerrear a vida. De certa forma, experimentaste os mesmos erros dela. Acredite, mesmo assim, eu te dei o que eu tinha.

Não foste feliz nesta casa. Agora, estou aqui e amargo essa lúcida abstinência, preso nesta cama, esperando a morte. É certo que não terei a chance de te falar tudo o que sinto em vida. Não tenho mais forças, mas deixo aqui o registro do meu fracasso e da minha dor.

Tu me culpas pelas injustiças pelas quais passaste. Desde então teu caminho foi em direção ao abismo.

Querias a proteção daquelas mãos que te empurravam no balanço.

Mas, acredite em mim, eu nunca imaginaria o desejo alheio pelo teu corpo infantil.

Eu nunca imaginaria que após anos em clausura e silêncio, tu estarias envolvida em tantos fatos limítrofes.

Eu ainda sinto o aperto no peito que senti no dia da tua prisão.

Sei que, enquanto estavas presa, eu bebia em um bar qualquer. O tempo de meu sumiço, contudo, não foi tão longo. Logo fui ao teu socorro, ainda que eu saiba que aquelas horas foram intermináveis.

Sei que querias o meu consolo e a minha proteção, ao mesmo tempo em que procuravas o abismo.

Confesso, eu não sabia agir diante de tua muralha.

Naquele dia, eu vi teus olhos cansados e ressentidos contrastando com tua boca, que proferia palavras de ironia:

– Não foi dessa vez, pai!

Eu me mantive inerte. Eu sei.

Me perdoa, filha.

Há anos não pinto as paredes, sinto que elas ainda estão impregnadas com a nossa dor. Quantas demãos de tinta seriam suficientes para apagar as memórias?

Agora, a saúde se foi, não posso te buscar, mas sei que irás voltar para encontrar o meu corpo ou as minhas cinzas.

Espero que a minha morte possa ser para ti um renascimento.

Construa novas memórias a partir daqui! Vende tudo e continua tua trajetória.

Espero que do outro lado eu consiga te dar a proteção que não te dei em vida.

Sinto muito.

Perdoa teu pai.

Eu te amo.

Do teu pai.

Cristiane Martins de Paula Luz é mãe, servidora pública federal, especialista em Direito e acadêmica do curso de Letras Português da Universidade Federal de Santa Catarina. É escritora de textos jurídicos e de textos poéticos, razão pela qual vive no limiar entre dois mundos: o das vidas e problemas reais e o das histórias por ela inventadas.

Para escrever

Uso dos diminutivos, do balanço e de outros elementos presentes no texto de origem. Foco na possível omissão do pai, na culpa, nos fatos subentendidos e no inquestionável trauma sofrido pela personagem.

DIFÍCIL REGRESSO

Ana Maria Castelo Branco

Regressar ao passado é diluir-me em partículas compostas de outrora. Se o faço agora é porque o perecer da vida se aproxima. Talvez, no ápice de sua loucura, bem lá no fundo, ela sentisse o que todos sentem; pois, mesmo sem perceber, sempre se está indo ao encontro de quem se é ou de quem se será.

Ao longo dos anos, tenho visto que isso nos causa ansiedade, medo, dor e solidão. Sei bem que todo pai, algumas vezes, tem essa estranha sensação do dever partido; de que terá que se apresentar ao tribunal imaginário da consciência, principalmente pelo que deixou de fazer. Isso me deixa trêmulo, e um frio intenso atravessa-me a espinha.

Ao pensar na morte que se aproximava, ele mais uma vez suspirou profundamente. De repente, se viu de frente para uma luz. Não possuía mais um corpo, tudo parecia ser apenas um facho de consciência.

Quão difícil era esse retorno às entranhas de sua alma. A claridade invadia seu ser, assim como o amanhecer dos dias que antecederam esse momento. Precisava partir em paz, mas era difícil. Vidas pouco vividas e sua existência, um grande pesadelo!

No passar de segundos, um turbilhão de pensamentos surgia numa velocidade incontida. A mente se tornara um espelho que refletia o seu ser; e através dele, dava para apreciar os sentimentos mais ocultos, as ações que não deveriam ter sido realizadas, enfim... Ele, tão somente ele, seu verdadeiro algoz.

Casara-se aos 30 anos de idade, e, sendo o único varão da família, lhe coubera administrar os bens. Desde cedo, aprendeu a ter muitas responsabilidades. Se pudesse recomeçar a vida...

Não!

Não podia... estava definhando e aquela luz que clareava todos os sabores e dissabores também o guiava para um lugar desconhecido.

Saudades de Benedita, meu primeiro amor, onde estará? Foi-se para muito distante, depois de uma maldita depressão pós-parto. Sumiu numa noite de Lua prateada, isso a memória não me deixa esquecer. Anos se passaram, o que aconteceu? O último ato: amamentar nossa filha.

Fui acordado de madrugada com os gritos desesperados da empregada. A criança estava enrolada em lençóis brancos, chorando sozinha numa cadeira de balanço. A mãe não se fazia presente na casa. E a empregada repetia para mim: ela se foi, ela se foi, ela se foi!

Procurei-a por muitos anos. No fundo, havia uma dose de esperança, queria reencontrar o amor de minha vida, porém isso nunca aconteceu.

Jamais saberei se... se fora pela dor que carregava na alma, desde sempre ou pelo desejo de se ver livre de um amor que a sufocava. Em tempos distantes, a família não queria esse casamento. Diziam as más línguas que a moça tinha "problemas".

Por destino ou não, casei-me e amei somente uma vez. Não, amei a segunda vez. Minha filha querida. Durante anos, percebi que o tempo, que não devora o cerne da existência, arrastava-se lentamente.

Minha filha foi crescendo e demonstrando um comportamento estranho. Às vezes, agredia a si mesma, outras vezes, os empregados. Quando eu chegava do trabalho, ela se acalmava, costumava se balançar no jardim. Mas, à noite, ao observar seu sono, notava que estava sempre inquieta.

Aos 7 anos teve a primeira crise de histeria. Gritava furiosa e queria pegar todos os objetos cortantes. Desse dia em

diante, precisei contratar pessoas para cuidar dela, durante o tempo em que eu trabalhava.

A situação ficou sem controle quando, nunca se soube como, ela conseguiu pegar uma faca e ferir todos os empregados. A polícia foi acionada e levaram-na para a delegacia. Já estava com 16 anos, e todos na cidade ficaram sabendo do acontecido. Passou toda a noite numa cela, sem conseguir voltar a si. Eu quis vê-la, mas a histeria era tanta que não conseguia me aproximar, meu coração doía.

No dia seguinte, acompanhado de médicos da capital e enfermeiros, trouxe-a para casa. Estava desfigurada. Sorri um sorriso amarelo. Minha filha, minha única filha. Tinha manchas no corpo, estava com o semblante carregado.

Essa luz tem ficado mais intensa. Onde será que minhas irmãs e eu erramos? Por que desenvolveu essa crise? Teve uma primeira infância tranquila, rodeada de atenção e carinhos. Suas tias cuidavam dela com dedicação, era a única sobrinha. Esperta, alegre, inteligente... Acalenta-me essa lembrança: seu sorriso singelo ao se balançar no jardim. E, assim que eu me aproximava, dizia: vem papai!

Sim, na delegacia eu mal pude olhar para ela. Sorri amarelo, mas meu coração chorava por dentro. Desde então, não tivemos paz. Nossas vozes foram emudecendo. Até que, um dia, depois de alguns anos, veio a pior decisão que se podia tomar: mandá-la estudar na capital, a pedido dela.

Resolveu morar com uma de minhas irmãs. Eu sempre quis saber notícias, mas ela não queria falar comigo. Havia se tornado uma moça amargurada. Tinha medo de tudo e acho que nunca me perdoou por ter crises, por ter sido criada sem a mãe, por não ter brincado com outras crianças de sua idade...

Veio me visitar duas vezes desde a partida. Espaços longos de tempo. Demorava apenas um dia e se propunha ficar

no quarto, olhando uma fotografia da mãe. Eram poucas as interações e o silêncio reinava. Minha irmã dizia que as crises haviam se extinguido definitivamente, mas eram claros os efeitos danosos da medicação diária. Ela se tornou uma pessoa com o olhar distante e apático.

Não querendo enlouquecer, focava no trabalho. No desejo de um regresso para o vazio da minha alma. Difícil regresso, mas era isso que me consolava... Se pudesse... Tanta riqueza não conseguia trazer a lucidez de que minha alma necessitava. A luz outra vez ficou mais forte, sinto que minhas forças estão se acabando...E assim, como não verei mais a mulher que amei, também não verei minha filha. Noto que a luz se afasta, mingando lentamente, o espelho deixa de refletir minha imagem, meus pensamentos se aquietam. Bem longe de tudo, ainda ouço a minha irmã Alice dizendo: vá em paz, meu irmão!

Ana Maria Castelo Branco é natural de Passira-PE. Casada, professora, escritora, contadora de histórias. Gosta de escrever prosa e poesia. Admira o céu, o mar e o universo como um todo. Adora olhar o nascer e o pôr do sol. Aprecia objetos dourados. Acredita em Deus, no Amor e na Vida Eterna.

Para escrever

Procurei escrever contando a versão da história pela ótica do pai da moça, que se encontra no leito de morte e faz uma retrospectiva de sua vida.

Eu sabia que provavelmente ficaríamos sem nos ver por um período. Ela se mostrava insatisfeita e incomodada há algum tempo. Sempre monossilábica. O lugar que antes foi seu abrigo, seu lar, seu bairro, agora se mostrava um tormento. E não foi só pelo acontecido; a coisa já vinha desde antes. Também saí da casa dos meus pais cedo, e sei como é estar fora do seio familiar, uma sensação de liberdade e autonomia! Fiquei preocupado com essa ida dela porque o mundo não é um lugar seguro para mulheres. O sumiço dela foi perturbador. Transgressões contêm um alto preço a pagar. Os homens são desbravadores natos. Caçadores estão sempre à espreita de uma presa, e esta pode bem ser uma mulher jovem e bonita, alvo fácil. Ela sempre teve uma vontade impulsiva, exploradora. Incentivei até certo ponto, pois sabia dos perigos de uma mulher solta nesta sociedade. Tentava alertá-la sobre como se vestir e se proteger dos instintos masculinos, muitas vezes indomáveis e assassinos. Faz parte da natureza. Queria assustá-la no intuito de preservar sua vida e sua carne. Mas não consegui impedi-la, mesmo tentando. É engraçado, a gente cria nossos filhos, conforta, acolhe, protege, mas quando eles querem algo, não há como detê-los. Me recordo de minha mãe chorando para que eu não saísse de casa. Era um dever me afastar, viver as aventuras masculinas da vida cotidiana, desenvolver a racional frieza prática que a vida real exige e enfrentar os dragões que todo rapaz inevitavelmente encontrará, experiência que o tornará um homem com H maiúsculo. Isso seria impossível no conforto do colo de minha mãe. Tornar-se herói é um dever: trabalhar dignamente, encontrar uma mulher para casar, protegê-la, prover, ter filhos, cuidar desses filhos para que sejam pessoas de bem, o caminho

da existência com princípios. Todo homem precisa criar e viver sua própria jornada heroica. Esta é uma jornada masculina, a grande confusão se inicia quando uma mulher quer fugir de seus inevitáveis deveres femininos. Meu objetivo como pai foi criá-la com cuidado. Foco na segurança e no estudo. Nos dávamos muito bem durante sua infância, gastávamos tempo juntos alegremente. Me mantinha bem próximo também como homem, para que ela entendesse já em casa como é essa relação, e para aprender que o que ela precisava tinha em casa, não sendo necessário ir buscar fora, em namorados e ou amigos. Foi tranquilo até a adolescência, quando tudo mudou. Mesmo eu tendo uma índole fria e exigente, sempre fui um pai presente. Porém parece que não o suficiente para ela, como disse, não houve como impedir suas escolhas imaturas. Já não bastava minha proteção, ela queria viver de forma perigosa, expondo-se, indo contra as regras. Acusava-me de sufocar suas emoções e privar sua a expansão. Viagou contra minha vontade, mas acabou por retornar. Até o fatídico dia em que sumiu. Eu, que já estava cansado de suas rebeldias, não me surpreendi. Porém, com o tempo passando, sem contato, a preocupação me chegou. Conversei com os vizinhos, com o pessoal do comércio local, mas ninguém sabia precisar seu paradeiro ou o que havia acontecido. Fui seguindo pistas de pessoas em pessoas, uma indicando a outra, que fulano deve saber, que sicrano pode informar algo... Fiz um B.O. de desaparecimento na polícia. Não queria cogitar a possibilidade de ter de ir ao IML. Meu coração apertava, a cabeça doía. Os dias seguiam numa angústia que não me permitia dormir nem comer. Como eu pude ficar dois meses sem saber de minha própria filha e achar natural?! Mas ela também tinha culpa nisso, sempre arredia e ausente, me acostumei com a nossa distância. Cheguei a adoecer e a ter de fazer uma cirurgia urgente, e ela sequer soube disso. Escolhi nunca falar sobre.

Minha princesinha, que falta faz sua presença inocente por perto, sua infância feliz, trazendo alegria por toda a casa quando entrava correndo, gritando uma novidade, quando me pedia para empurrá-la no balanço, ao pedir que deixasse a porta entreaberta e a luz do abajur acesa porque tinha muito medo da noite e do escuro. O tempo passa e nos escapa a vida. A rigidez cotidiana. Toca o telefone, seria ela dando notícia de que está tudo bem? Era um oficial. Imediatamente estava na delegacia. Fui invadido por uma emoção, ao ver minha princesinha saindo. Ela estava muito magra, desgastada, olhos fundos, melancólica. “Não foi dessa vez”, ironiza meus antigos frequentes conselhos sobre os perigos aos quais ela se expunha. Ainda assim, orgulhosa, não cederia em se lamentar em dores, dor essa visível em sua aparência. Não necessitava de consolo, foi o recado que me chegava. Contive o choro, ela nunca me viu chorar. Tentei esboçar um sorriso, saiu no máximo um rosto em desespero. Ela fez o mesmo. Apenas a abracei. Em silêncio, nos dirigimos ao carro. Tentei conversar, minha voz engasgava, ela se mantinha calada. Chegando em casa, olhei para ela, que não me olhava nos olhos, “você... quer falar...?”, “ainda não”, foi apenas o que disse. Havia ali um sentimento de repulsa e saudade de sua parte. Era perceptível para mim, que a criei, que a conheço como ninguém. Resolvi respeitar, seguir o que ela tanto me pedia sempre: limite e respeito aos seus desejos. Os dias seguiam monocórdios. Eu já não era o mesmo, nem ela, nem nós. Me sentia velho, cansado. Revi as fotos de família, chorei as perdas, lamentei as dores. Os dias seguiam cinzas e com pouco contato. Eu necessito de contato. Preciso recuperar algo que nem sei o que é. Minha filha e seu mistério, minha filha é um mistério, a mulher é mistério. Uma insatisfação latente, uma confusão e complexidade constante. Dentro de casa, se ficássemos dentro de casa, nos limitando a essa relação familiar, sendo amigos, companheiros,

casal um do outro, penso que tudo seria mais tranquilo. Ela foi embora mais uma vez. Tudo me saiu do controle, ela não compreendeu nada.

Deh Mussulini é compositora, violonista e cantora belo-horizontina, graduada em Música pela UFMG. Lançou seu primeiro disco solo autoral em 2015, intitulado Varanda Aberta. Idealizou e trabalha em diversos projetos feministas na música, como: Coletivo ANA, com que lançou disco em 2014; criou a hashtag #mulherescriando, que culminou no Coletivo Mulheres Criando, ganhador do Prêmio Profissionais da Música 2018, Sonora Festival Internacional de Compositoras. É uma das apresentadoras da coluna musical "Programa Lugar de Mulher". Fez direção musical do espetáculo teatral "Rua das Camélias", que trata da vida das prostitutas de BH. Lançou seu primeiro livro de poesia - Todas as primaveras em mim - no fim de 2019, pela Editora Luas.

Para escrever

Peguei as citações mais imagéticas do conto para traçar uma narrativa do ponto de vista do pai da personagem central da história. O intuito foi contar o mesmo conto, porém sob outra perspectiva, passeando pelos mesmos lugares onde ela esteve. De acordo com o que captei das experiências que ela deixou no texto, imaginei um pai, como seria o progenitor dela, e, claro, misturei a minha própria carga emocional e de experiências pessoais. Achei desafiador, mas curti muito o resultado. Já estou testando com outros textos e para escrever letra de música.

RESPOSTAS

Junia Paixão

Com um suspiro, o coração aos pulos e uma louca vontade de acordar daquele pesadelo, atravessou a porta e entrou. Respirou profundamente, absorvendo aquele cheiro familiar. Da cozinha vinha um aroma de infância. A casa, naquela penumbra, naquele silêncio quebrado apenas pelo arrastar de chinelos da tia, parecia querer contar segredos. Por vários minutos, que não pôde precisar, não se moveu, ficou ali, no meio da sala, estancada. Olhou a sua volta com calma e em cada objeto, cada móvel, era o pai que ela enxergava. Avistou seus óculos na mesinha ao lado da poltrona, sobre as palavras cruzadas que, há tempos, haviam substituído as leituras. Caminhou até lá, sentou-se na poltrona de couro preto que o abrigava quase todo o dia, e chorou. Chorou sua orfandade, sua solidão, seu desamparo, sua história. Chorou sua raiva. Chorou pelo pai, sua vida e sua morte.

O toque do celular trouxe-a de volta. Ok, obrigada, vou providenciar, disse, ao ouvir, do outro lado da linha, o representante do serviço médico legal avisando que o corpo seria liberado. Está pronto? Perguntou a tia, que a observava da porta; ao que ela assentiu com a cabeça. Você precisa ser forte!, disse novamente, enquanto arrastava o chinelo pelo corredor. Antes, venha comer alguma coisa. Comer! Como poderia engolir alguma coisa, se o nó na garganta mal a deixava respirar? Levantou-se e viu que a mala já não estava na sala. Entrou no quarto que foi seu, e que permanecia intocado, como se tivesse saído de lá ontem. A mala estava no canto, sobre a cadeira. Abriu-a, procurou uma muda de roupa em meio àquela anarquia feita de pressa e dor, e foi tomar um banho quente para se restabelecer. Tinha uma noite longa pela frente. No caminho do banheiro, passou pela porta fechada do quarto dele. A mão na maçaneta

foi ato reflexo, mas recuou. Depois, pensou, uma despedida de cada vez!

O táxi parou em frente à casa e as duas desceram, reunindo o último fôlego, depois de quase vinte horas de um misto de transe e dor. O velório foi cheio de pessoas estranhas e outras já desconhecidas depois de tanto tempo. Velhos amigos do pai, do tempo do jornal, alguns de quem ela se lembrava vagamente, a abraçaram, lamentando a perda do companheiro. A cerimônia de cremação e a falta do que enterrar fizeram da via crucis fúnebre algo sem desfecho, como sempre foi a vida naquela pequena família. Aguardaria as cinzas do pai, como sempre aguardou as palavras, quaisquer que fossem, para nortear seus sentimentos. Seriam jogadas ao mar, pedido dele, que abominava a ideia de passar a eternidade debaixo da terra. De prisão, dizia, já bastava essa vida.

A tia se dirigiu à cozinha, remexeu a despensa em busca do que preparar, apesar de todo o cansaço visível em seu rosto abatido. Alimentar a família era seu jeito de se fazer presente. Preparava as refeições como quem cumpre uma sina. Todas as manhãs, para preencher de sentido aquela vida silenciosa, ia ao mercado comprar os ingredientes do dia. Nunca permitiu que lhe fizessem compras maiores. Criou para si as obrigações que lhe imputavam o status de dona da casa, que, na verdade, nunca foi sua, mas que assumiu, depois do trágico desaparecimento da cunhada. Não poderia deixar a sobrinha, ainda bebê, aos cuidados do único irmão, que, diante da perda da companheira de vida e de luta, fechou-se num mundo de silêncio.

Por dois dias, rendeu-se à exaustão e, reclusa em seu quarto, apenas dormiu e chorou. Foram muitos dias de tensão desde que a imprensa divulgou as atividades políticas clandestinas de vários jornalistas nos períodos de ditadura, entre eles seu pai. O susto, o entendimento, o desejo de conversar com

ele e saber de tudo, a raiva de ele não ter contado nada a vida inteira, mesmo depois de tanto tempo; a sensação de que a vida ficou sem sentido, o ato final do pai impedindo a conversa final. Mais uma vez a vida lhe negava a clareza e a verdade absoluta de sua própria história. Porém, precisava ainda tomar umas providências antes de ir embora, talvez para jamais voltar.

Naquela manhã, enfrentou a inércia da dor e entrou no quarto dele pela primeira vez, desde quando chegou. Algumas lembranças invadiram seu pensamento, e os olhos se encheram novamente de lágrimas. Tudo meticulosamente arrumado, como se o esperasse. A mobília antiga que ele nunca quis mudar, talvez para manter viva a memória da esposa, seu único amor. A escrivadinha, que há muito não tinha serventia, a não ser para uma ou outra carta que ele lhe enviava. Por quantas noites, lembrou, ela ouvia o barulho da máquina de escrever até alta madrugada, sempre depois que ele voltava daquelas reuniões envoltas em tanto mistério!

Abriu o guarda-roupa. Seus olhos buscaram o casaco que sempre a abrigou do frio e que seria a única peça que levaria dali. Aquele agasalho austero e confortável era como o abraço caloroso que sempre esperou. Era antigo e seu pai lhe contou que foi presente da mulher, sua mãe, da qual não tinha lembranças. Vesti-lo agora era se aquecer de duas saudades, uma já conhecida e a outra que aprendia a entender. A dor que experimentava agora era inédita e afiada como navalha. Em todos esses anos, desde que saíra de casa, depois de tudo o que aconteceu, nunca tinha imaginado que um dia o perderia de vez, ainda mais assim, sem aviso prévio, sem tempo para despedidas, sem respostas. Era como se ele fosse ficar ali para sempre, enquanto ela vivesse. A ideia de não o ter mais, mesmo que distante, era insuportavelmente angustiante. Mesmo sem muitas

palavras, mesmo daquele jeito seco e amargo, ele era seu amparo.

Pegou o casaco e o apertou contra o peito, aspirando o tecido grosso, em busca do cheiro dele. Ao deslizar as mãos sobre a camurça e enfiá-las nos bolsos, sentiu o envelope. Um frio intenso percorreu-lhe espinha ao ler seu nome no diminutivo, naquela letra tão familiar. Uma mensagem de seu pai poderia conter todas as palavras que ele não disse durante toda a vida, como poderia ter uma citação surrupiada de algum autor, uma indicação de como resolver as questões pragmáticas do inventário ou uma senha do banco. Puxou a cadeira da escrivaninha, sentou-se e abriu o envelope.

Dentre as previsíveis notas de como ela deveria agir a partir de agora, de como deveria garantir a sobrevivência da tia, a indicação de para onde encaminhar os livros que ela não quisesse guardar e os extratos bancários, havia a carta.

“Filha,

Me perdoe. Um dia, em algum momento da sua vida, me perdoe! Por agora, por aquilo e por sempre. Sei que talvez não consiga, eu não consegui, mas parto levando essa esperança de que, em algum instante, você possa me entender. Sei de cada detalhe que aconteceu dentro daquela delegacia, recebia relatos minuciosos. Implorei para que não a machucassem, entreguei tudo que pediram. A história se repetia exatamente como há vinte e dois anos e temia que, como sua mãe, você não resistisse. Queria que tivessem me fuzilado, como fizeram a tantos. Mas os canalhas sabiam que me devolver você naquele estado era o único jeito de me calar. Mantendo nós dois vivos, nos mataram todos os dias através do medo e da dor. Sempre quis te dizer que estava tudo bem, que nós conseguiríamos superar juntos, mas não era verdade. Lembro bem que tentou sorrir aquele dia, tentou me dizer que estava bem, mas me saber responsável pelo seu calvário, assim como da morte de sua mãe, foi duro demais para mim.

Mesmo depois de sua partida, e enquanto aquele inferno durou, eles me lembraram sempre que sabiam onde você estava. Me mantiveram sob controle até o fim do regime. Eles não tinham limites. Iriam ao fim do mundo por vingança. Sei que vai pensar que eu poderia ter falado tudo depois, que teria sido bem menos cruel do que você saber pela imprensa das minhas ações na resistência aos sucessivos golpes de governo. Saiba que tentei muitas vezes, mas quando tudo passou e você voltou, pela primeira vez depois de tanto tempo, me acovardei. Temi seu julgamento, e você me parecia feliz a cada vez que vinha. Aqueles nossos breves encontros eram tão raros que sempre desistia de revolver esse lodo. Preferia sentir sua presença, pensar que estava tudo bem agora. Engolia o pedido de perdão, que repassava mentalmente, centenas de vezes, a cada aviso seu de que chegaria para uns dias, e tentava sorrir. Meus ideais sempre me guiaram, até aquele dia em que te levaram e eu entendi que não poderia perder mais ninguém.

Nos dias que se seguiram à sua liberação, por muitas vezes pensei em te contar tudo. Cheguei a pensar que, ciente, você estaria mais segura, talvez poderia ter ido para mais longe, alguns amigos exilados poderiam ter te acolhido, mas eu queria que fosse livre. Tentei te proteger de uma vida sem paz, clandestina, imersa numa luta sem fim. Era melhor que pensasse que foi um trágico engano, já teria trabalho demais em superar a violência da qual foi vítima. Fui covarde, admito, e egoísta. Manter a possibilidade de uma confissão a você talvez tenha sido o autoengano que me fez acreditar que merecia permanecer vivo. Agora que tudo veio à tona, não posso ficar. Me perdoe se puder, agora que já não sou capaz de lhe causar mais nenhum mal, tudo está dito.

*Com amor e saudade,
Papai”*

Ela dobrou a carta devagar, guardou-a no envelope e tentou sorrir, como era de costume.

Poeta, professora, mãe e ativista cultural, não necessariamente nesta ordem!, **Junia Paixão** nasceu no Amapá, em 1967, cresceu em Belo Horizonte e, há 25 anos, mora em Carmo da Mata, Minas Gerais. É autora de quatro livros de poemas: Um quarto de cortinas azuis (2014) e Oscilações (2015), pela editora Literacidade, Não repare a bagunça – Em verso e prosa (2019) e Entre Paredes (2020) pela Gulliver (2019). É cronista e tem também vários poemas publicados em antologias. Organizadora da FLICAR – Festa Literária de Carmo da Mata.

Para escrever

O conto de Paloma Vidal me causou uma profunda angústia e necessidade de respostas. Ao escrever, tentei, a partir da percepção e interpretação do texto, trazer luz aos fatos. Um afastamento entre pai e filha única, um trauma familiar, a dificuldade de falar. O silêncio entre a família seria fruto de segredos e tentativas de manter uma normalidade que não existia, apesar do amor latente.

AINDA

Leila Rachel Barbosa Alexandre

Quando a vi saindo da delegacia, com todas as suas dores e feridas e seus muitos 22 anos, achei que para nada mais eu poderia servir, pai que não conseguiu proteger sua cria. Ela me disse "ainda não foi dessa vez" e, imediatamente, fui transportado para todos os futuros possíveis, em que a veria saindo de delegacias até que alguém dissesse: "desta vez, foi".

O "ainda" ecoa até hoje em mim, palavra única que talvez tenha barrado todas as outras que eu poderia ter dito para consolá-la, para explicar o que aconteceu, para justificar por que tudo aconteceu. Esse "ainda" que me apavora tanto, mesmo agora, quando eu já quase não tenho palavra saindo da boca, me fez aceitar quando ela foi embora, me trouxe conformação quando ela demorou a voltar. Era o jeito de ela estar longe, já que eu, aqui perto, não conseguiria protegê-la.

Em todos esses anos em que mal vivi depois daquele "ainda", repasso tudo o que sei e o que não sei sobre o que aconteceu para dar todos os argumentos possíveis para minha culpa. Ela estava só em casa porque eu estava no trabalho. Eu poderia ter faltado? Foi alguma coisa errada que eu disse em algum lugar? Ou foi ela que disse? Se foi ela, não importa. A tarefa de proteção era minha.

Eu ainda não sei como resolver o sofrimento dela. Ainda não sei o que dizer. Eu, que sabia tanto sobre ela, antes de tudo acontecer. Todas as vezes que ela volta para casa, depois de longos anos, eu permaneço nesse "ainda" que não se define. Todas as vezes eu quase fico para dizer "ainda não foi dessa vez".

Leila Rachel Barbosa Alexandre é professora do curso de Letras – Libras na Universidade Federal do Piauí. Tem doutorado em Linguística Aplicada (UFMG) e Mestrado em Letras (UFPI). Mora em Teresina (PI), mas nasceu em Caxias (MA).

Para escrever

Para fazer este microconto, tentei, tomando como base o que é feito no conto-fonte, trabalhar os ditos e os silêncios dos personagens, o afeto que parece persistir entre pai e filha, mesmo na falta de diálogo. Para isso, parti da expressão “ainda não foi dessa vez”, dita pela narradora do conto-fonte, e a coloquei sob a percepção do pai. Foquei, especificamente, no “ainda”, por ser uma palavra que pode remeter tão fortemente à continuidade, à falta de finalização. Pensei nessa palavra como um marcador, para o pai, da continuidade do sofrimento dele e da filha, e um gerador de expectativas de possíveis dias ruins e de um acontecimento fatal em suspenso, de maneira que a narrativa tivesse uma atmosfera de angústia.

MEMÓRIAS...

Dilza Porto Gonçalves

Adentro o apartamento 1C. A sala está na penumbra. Abraço minha tia com certo desconforto; fazia mais de uma década que não nos víamos. Depois do demorado e desconcertante abraço, consigo visualizar o ambiente que era tão familiar e tão estranho, ao mesmo tempo. Retomei memórias da infância naquele antigo apartamento, no bairro de Palermo, nos idos de 1960. Aquela sala, ainda preservada, mantinha os móveis da minha infância, o velho e desconfortável sofá de madeira com estofamento de veludo vermelho, combinando com as pesadas cortinas, também de veludo, que mal deixavam o sol entrar pela fresta da janela; a mesa de jantar com dez cadeiras estava no mesmo lugar, de frente à antiga cristaleira. Como tudo pode parecer tão familiar e, ao mesmo tempo, tão distante? Parecia outra vida ou, quem sabe, outra pessoa... um mundo que não me pertence mais. Peço licença à tia e vou guardar a mala no quarto. Abro a porta e vejo a envelhecida e meio enferrujada cama de ferro com a colcha de cetim antiquada, o guarda-roupas de madeira e a penteadeira com espelho bisotê que estava ali há muito tempo; não consigo conter as memórias alegres e os momentos de angústia que vivi nesse lugar. As memórias alegres são sempre anteriores àquele fatídico 1976, que mudou minha vida e as minhas relações afetivas. Naquela casa vivenciei debates políticos calorosos, em que, por muito tempo, o afeto foi maior e superava as divergências. Até que a inércia da família, principalmente dele, nos levou tão longe. Não houve afeto suficiente para superar a violência e a solidão do cárcere. Dali em diante, tudo mudou. Os cartazes dos filmes e das bandas de rock, o porta-retrato com a foto da Evita, não fizeram mais sentido. O quarto se tornou gélido e sombrio, não houve mais alegria e nem

mesmo calor naquelas paredes. Sobrou o exílio, juntar os cacos distante dali.

A leve batida na porta me acordou dos devaneios daqueles dias difíceis. Porém, a realidade não era melhor. A tia chamava para uma conversa rápida sobre detalhes do funeral. Os atos fúnebres estavam acontecendo no cemitério La Chacarita, para onde eu deveria me encaminhar em seguida. Depois de combinar com a tia alguns detalhes sobre a cerimônia final e de lhe assegurar que ela não perderia a moradia, que poderia continuar no apartamento por quanto tempo desejasse, saí da casa para a definitiva despedida.

Abri a gigantesca porta de madeira e lá estava o caixão com o corpo do meu pai, inerte, com alguns parentes e poucos amigos em volta. Parecia que todos me aguardavam, pois os olhares se voltaram a mim; finalmente a única filha chegara. Fiquei lá parada, por algum tempo, com os meus pensamentos. Não chorei; as lágrimas já haviam se esgotado. Não tinha mais vontade de chorar, me faltavam emoções. Tive vontade de retornar pela mesma porta que entrei, sem explicações e justificativas sobre a ausência dos últimos anos, justificar o injustificável, só queria voltar para minha casa, que já era em outro país, voltar para o meu lar, com minha filha e as netas. Quero deixar aquele mundo ali mesmo, enterrado naquele cemitério, no passado.

Dilza Porto Gonçalves, 45 anos, nascida em Canguçu, no Rio Grande do Sul, professora, historiadora, feminista e apaixonada por livros. Sua escrita está permeada pela formação de historiadora e mulher feminista, bem como pelas pessoas que encontrou e pelos lugares onde viveu, como Canguçu, Pelotas, Porto Alegre/RS e Campo Grande/MS, cidade onde vive hoje.

Para escrever

A proposta escolhida durante a oficina foi dar continuidade ao conto “O retorno”, que integra o livro *Mais ao Sul*, de Paloma Vidal, no qual a autora volta à cidade natal, depois da morte do pai. Escolhi dar continuidade ao conto de Paloma Vidal a partir da entrada da narradora na casa onde havia morado anteriormente. Como a autora tem nacionalidade argentina, fiz uma breve pesquisa sobre Buenos Aires e imaginei a história a partir de elementos da pesquisa. A autora mostra indícios da ditadura no seu conto, por isso busco uma explicação histórica para as evidências e dar continuidade à história proposta por ela. O meu exercício de criação foi construído por elementos deixados subentendidos pela autora e por uma pesquisa histórica sobre como o enredo poderia ter acontecido.

O ADEUS

Alícia Teodoro

Desligou o telefone e continuou olhando pela janela aberta. O ar estava quente naquela tarde, um ou outro vizinho caminhava pela rua. O barulho entediante do ventilador velho preenchia o quarto muito limpo. Num canto do cômodo, uma cama de solteiro; e o gasto guarda-roupa, de duas portas e três gavetas, denunciava o tempo de uso. A mesinha, ao lado da cama, acolhia uma jarra d'água, um copo de plástico e o frasquinho de pílulas. Sentado na cadeira que ficava em frente à janela, seu olhar agora estava vidrado. Sempre que ouvia a voz dela, a garganta secava, as palavras que precisavam ser ditas se embolavam para sair. Não saíam. Nunca escapavam. Apenas o discurso comum, polido e cuidadosamente articulado. Eram raras as vezes em que se falavam por telefone, pelo menos duas ligações ao ano - Natal e aniversário dele. As visitas se tornaram escassas com o passar dos anos, e quando ocorriam, um gelo se formava entre os dois. Não se lembrava da última vez que a encarou nos olhos para dizer o quanto a amava. Apesar de tudo.

Piscou. Uma lágrima teimava em cair. Enxugou. A mistura de sentimentos o assaltava. Não conseguia definir quais eram exatamente. Sabia que seria a última vez que ouviria aquela voz rouca e cansada. A imagem da filha se fez em sua mente. Gostava daqueles cabelos longos. Continuava muito bonita. A beleza marcada. Desperdiçada. Explorada pelo tempo e consumida pela alma ferida. Depois que ela foi embora, sentiu-se aliviado. E a solidão lhe fazia companhia.

Levantou-se lentamente e foi até a mesinha. Despejou a água da jarra no copo, apanhou as pílulas e voltou para a escrivaninha. Sentou-se lentamente. O tempo castigou suas articulações.

A velha chata, arrastando os pés pelo corredor até seu quarto, bateu na porta. Tum! “O jantar está pronto”, resmungou. Ignorou-a. Engoliu três pílulas de uma só vez, junto com a água, e esperou. A dor física foi se dissipando. Ainda segurando o copo na mão, assistia àquela cena. Luzes azul e vermelha piscavam loucamente. Uma ambulância foi chamada. Era a coisa certa a se fazer. Acabou. Não queria que as coisas tivessem chegado a este ponto. Mas foi preciso. Não suportou vê-la naquele estado. Algo precisava ser feito. Por mais que esfregasse, ainda sentia aquele sangue nojento manchar suas mãos. Uma, duas, três. Direto no pescoço. Sentiu ódio. Os olhos giraram nas órbitas. Por que nunca havia reparado? Ela jamais contaria o que ele fez. Vergonha. Medo. Confiou na família e esta o traiu. Ele era mais que um irmão, um tio. Era um monstro. Já tinha feito o estrago.

Não sentia dor agora. Olhou para o frasco quase vazio. Lembrou-se do dia em que comprou o primeiro, sabia que precisaria de suplemento para dormir. Passou na farmácia antes de ir buscar a filha na delegacia. Quase não a reconheceu. “Ainda não foi dessa vez”, murmurou a garota, forçando um sorriso. Não sorriu de volta. Como contaria a verdade a ela? Como explicaria o silêncio dele? A denúncia anônima. Sabia que ela não ficaria lá por muito tempo. Burocracias e protocolos. O delegado era da família.

O copo caiu no chão. Um vento morno entrou pela janela. O céu começava a escurecer. Estava chegando a hora. Explicações e justificativas, em vão – sabia –, lacradas em uma carta escrita à mão aguardavam-na. Faltava-lhe coragem, como antes. Cerrou os olhos.

A janta esfriou.

Alicia Teodoro reside em Ibirité-MG. É graduanda do curso de bacharelado em Letras - Tecnologias da Edição, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Fã do universo de Harry Potter, é apaixonada por fotografia, escreve poesia e começou a se aventurar nos contos. A escrita tem sido sua forma de expressar sentimentos e ideias.

Para escrever

Extraí do conto original alguns trechos que tomei como pistas para tentar desvendar o que tinha acontecido com a personagem principal. Dessas pistas fiz uma interpretação livre que levou ao desfecho do meu conto. Cito aqui: "Um quintal, um balanço, mãos grandes e suaves empurrando suas costas, um sorriso quase a seu alcance."; "Uma porta entreaberta, uma brecha de luz, uma cama, um rosto sob o abajur, uma voz chamando seu nome no diminutivo." O que me inspirou a escrever o conto "O Adeus", a partir desses trechos, é a ideia de que situações de violência, assédio sexual e aliciamento de crianças e mulheres acontecem dentro de casa e são descaradamente ignoradas ou abafadas por parte da família. Essas crianças, jovens e mulheres, quando sobrevivem, crescem com traumas psicológicos por vezes irreversíveis. Existe uma carência de apoio e luta por essa questão.

ÚLTIMO ENCONTRO

Sabrina Dalbello

Se eu pudesse, voltaria no tempo e não morreria. Se eu pudesse, voltaria um pouco mais no tempo e não deixaria ela ir.

Minha menininha, ali, na soleira da porta, voltando para casa, e eu deitado em uma caixa de madeira lustrosa, no meio da sala, sem poder abraçá-la, embalá-la no balanço e fazê-la sentir-se confortável em casa, feliz na nossa casa, que agora é dela, se ela decidir ficar. Queria contar para ela sobre todas as coisas que mudaram no bairro, as lojas bacanas que abriram, a praça remodelada, sobre a geladeira nova e sobre mim, eu também mudei um pouco nesses anos.

Mas a vida é assim, eu sei, ela cresceu, e eu acompanhei o que pude, até os 22 anos, quando ela resolveu objetivar as coisas e encontrar respostas fora daqui. Minha menina, cabeça nas nuvens, uma idealizadora, puxou à mãe. Mas eu devo reconhecer que fui um bom pai, tentei estar com ela o quanto pude e ampará-la. Ela sabe disso. Naquela tarde em que a levaram, rasgaram um pedaço de mim e encarceraram com ela na delegacia. Não sofri nem metade com a dor do infarto – que me tirou a vida –, quando comparo com a agonia daquele dia. Os filhos causam essa estranha e persistente sensação de febre, como se a qualquer momento o termômetro fosse explodir. Eu não pude tirá-la de lá, ou demorei a reagir, não sei, os tempos eram outros e eu segui a profissão errada, profissão de fundo de quintal, de bairro sem graça, sem influência nenhuma. A minha filhinha tinha crescido e eu não podia gritar do muro “volta pra casa que já é tarde, está na hora de tomar banho e entrar”, não pude.

A burocracia também não objetivou nada e fui obrigado a esperar na rua, sem vez e sem voz, até vê-la de novo. Sorri sem graça ao avistá-la de fora da delegacia, de cabeça baixa. Encarei a minha fraqueza, que me encarava de volta, através da nuvem embaçada que cobria meus olhos e turvava minha visão. Ela poderia ter morrido, pensei naquele dia, acho que ela pensou também, mas nunca me disse. Dali em diante, ela começou a se esconder no quarto, falar não-contando, abraçar não-estando, até sair de casa, do bairro, da cidade e de mim. E a culpa foi minha. Minha e da simplicidade do bairro, da criação, da incapacidade de argumento de quem mora numa rua de difícil acesso, longe de tudo.

Ainda bem que ela veio.

Minha menina está linda, uma mulher feita. De certo, seus cabelos ainda esvoaçam livres, como seus pensamentos. Fico feliz por ela ter descoberto que aqui era pequeno demais em relação a tudo o que a aguardava no resto do mundo. Lembro do último abraço que ela me deu, há oito anos. Aquele abraço nunca deixou essa casa.

Ela está chegando na sala, com carinha de cansada. Não chora, minha menina, eu estou aqui. Limpou as lágrimas, sorriu para a tia e perguntou o horário do funeral, para objetivar as coisas, eu sei, a conheço. Ela chega mais próxima do caixão e seus olhos me contam que sentiu saudades. Eu também, filha.

As janelas estão abertas, o dia está lindo, iluminado e uma brisa silente dedilha as cortinas. Minha irmã a chama pelo nome no diminutivo, como eu fazia. Minha filha solta um riso chorado, debruça-se e afaga meu rosto frio. Eu estou sorrindo, bobo como sempre, quando perto dela. Por um momento, eu a sinto no meu mundo.

Sabrina Dalbelo é gaúcha, servidora pública federal e reside em Bento Gonçalves, RS, desde 2008. É autora dos livros de poesia *Baseado em Pessoas Reais* (Poesias Escolhidas, 2017) e *Lente de aumento para coisas grandes* (Penalux, 2018). Em breve lançará *Rasga-ossos*, também pela Penalux. Acredita que uma pequena palavra pode carregar um conteúdo imenso.

Para escrever

Versão sob o ponto de vista do pai da narradora/personagem. A estratégia foi tentar me aproximar da linguagem da autora, utilizando-me dos padrões que eu reconheci: a entonação de tristeza, nostalgia, de certo arrependimento; os sentimentos que os personagens esconderam de si mesmos; as repetições de termos; a ambientação; os mesmos personagens (sem nomeá-los). Também quis continuar a narrativa a partir do momento em que a história original acaba, ou seja, quando a personagem chega à porta da casa do pai e ele já está morto. Eu li o texto de uma vez e não fiz anotações. A partir dessa leitura, atenta e apurada, escrevi, de um só fôlego, o meu conto.

Uma parte dele sabia que talvez seus planos não dariam certo. Voltava mais uma vez para casa. Cansado e pensativo, caminhava sentindo a brisa leve da rua tocando seu rosto, naquele fim de tarde. Lembranças de tempos felizes quando voltar para casa ainda era alegria plena, afinal, lá elas o esperavam. Sentiu-se feliz, sorriu para uma senhora que passava carregando uma sacola de compras nas mãos. Ao caminhar, ia observando a calçada. As crianças corriam animadas. Já estava quase na hora do jantar. Um cachorro latia, enquanto dois senhores conversavam escutando as notícias em um pequeno radinho de pilha. Fitou o chão e ajustou o chapéu. Seguiu sempre pelo lado esquerdo da rua, sabia exatamente onde pisar. Precisava ser objetivo, pensou. Ajustou o chapéu mais uma vez e dobrou a larga esquina. Já estava começando a anoitecer. Atravessou o portão de ferro e caminhou até a soleira da porta, observou atento os olhos alegres que o espiavam através das cortinas pela janela. Sorriu e tirou o chapéu. Abriu a porta e viu o corredor iluminado; entrou e sentiu o cheiro da comida que vinha da cozinha tomando toda a casa. Sentou-se à mesa e suspirou. Precisava ser objetivo, pensou. Com suas mãos delicadas, apoiando dois panos brancos, ela trazia uma panela grande de carne cozida. Cheira tão bem, obrigado, disse, de cabeça baixa. Ela sorriu com os olhos e sentou-se à mesa. Jantaram. Neste dia, o silêncio dominou a sala de jantar. Ouviam-se apenas os ruídos dos talheres e o barulho do partir o pão com as mãos. Já está tarde, você precisa descansar, disse ele, desanimado, rompendo o silêncio. Já irei, respondeu, mastigando um pedaço de pão. Deixei todos os papéis em sua mesa. Fitou o chão, tentou ajustar o chapéu, mas notou que o havia tirado ao entrar em casa. Ficaram muito bons dessa vez. Você ficará

orgulhoso. Ela disse, esperando uma resposta. Trouxe-te um chocolate, disse coçando a cabeça. Precisava ser objetivo, pensou mais uma vez. Tudo bem, querida. Não consegui dizer o quanto se orgulhava. Sua voz não saía. Ela sorriu e correu para abraçá-lo. Boa noite.

Aquela não era uma tarde qualquer, uma parte dele já sabia que seus planos não dariam certo. Desde sua partida, ela era tudo o que ele tinha. Em sua mesa no escritório, respirava com dificuldade enquanto terminava de digitar as últimas palavras na máquina de escrever. Bateram na porta. Seu coração disparou. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria surpreendido. Tirou os papéis da mesa e os jogou no fundo da gaveta. Entraram. Ocuparam toda a sala. As botas pesadas amassavam as folhas de papel que caíram no chão. Já sabemos, diziam, enquanto reviravam as estantes. Como pude ser tão cruel, respirou em pânico. Correr riscos nunca tinha sido algo comum para ele, mas ela insistira tanto. Como não consegui dizer não. Sempre foi tão difícil negar algo para aqueles olhinhos cheios de ternura. Neste momento, vieram as lembranças do quintal, do balanço e de suas mãos empurrando-a alto no ar. Pôde ouvir as gargalhadas. Ela dizia – mais alto, mais alto. E voava entre dois mundos. Neste instante, ele soube que ela nascera para voar. Ao torcerem seus braços, voltou para sua sala. Seu corpo estava gelado, sentiu-se vazio e impotente. – Pois sabemos. Jogavam livros ao chão. A pilha de jornais recém-impressa começou a ser rasgada. Onde os escondeu? Não ouvia. Lembrara da promessa de nunca deixá-la sozinha. Onde? Onde estão? Não respondeu, sentiu o gelo do cano da arma em sua nuca. O policial abriu a gaveta. Fitou o chão e, com as mãos algemadas, tentou ajeitar o chapéu. Ela estava sozinha em casa naquela tarde...

Thaís Lima e Sena é mineira e desde criança se aventura nos caminhos da escrita. Participava de concursos de poesia e contos durante a adolescência, além de fazer parte de um grupo de teatro onde gostava de brincar de misturar o corpo com palavras. É formada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto, onde cursou o mestrado em Estudos da Linguagem. No momento, atua como professora substituta do Departamento de Letras da UFOP, trabalhando com disciplinas de Literatura Inglesa e Leitura e Produção de Textos. Segue seu percurso acadêmico como doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Para escrever

A técnica utilizada para o exercício proposto foi trabalhar em cima de algumas palavras do conto de Paloma Vidal. Através da releitura do conto “O retorno”, experimentei algumas sensações e marquei algumas palavras que dariam corpo ao meu texto. Tentei seguir o estilo da autora, trabalhando com a delicadeza e o suspense.



Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.
Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira
Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa
Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)
Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)
Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Brasil)
Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)
Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)
Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)
Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)
Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)
Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias da Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

PROJETO

Oficina de criação literária *Escreva com(o) uma mulher* celebrando o primeiro ano de atividades do grupo de estudos Mulheres na Edição. Este projeto foi idealizado pela própria turma.

Professora

Ana Elisa Ribeiro (projeto gráfico)

Assistentes de produção

Alicia Teodoro e Angela Vasconcelos (Aula Aberta)

Revisão deste livro

Angela Vasconcelos e Marsília de Cássia

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS –
CEFET-MG**

DIRETOR-GERAL
Prof. Flávio Antônio dos Santos

VICE-DIRETORA
Profa. Maria Celeste
Monteiro de Souza Costa

CHEFIA DE GABINETE
Profa. Carla Simone Chamon

DIRETOR DE EDUCAÇÃO
Profissional e Tecnológica
Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

DIRETORA DE GRADUAÇÃO
Profa. Danielle Marra de Freitas
Silva Azevedo

DIRETOR DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO
Prof. Conrado de Souza Rodrigues

DIRETOR DE PLANEJAMENTO E GESTÃO
Prof. Moacir Felizardo de França Filho

DIRETOR DE EXTENSÃO E
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO
Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

**BACHARELADO EM LETRAS –
TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO**

COORDENADOR
Prof. Luiz Henrique Silva de
Oliveira

COORDENADOR ADJUNTO
Prof. José de Souza Muniz Jr.

**PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS DE LINGUAGENS –
POSLING**

COORDENADOR
Prof. Renato Caixeta da Silva

COORDENADORA ADJUNTA
Profa. Ana Elisa Ribeiro

